

DRUMMOND: O HOMEM-POETA E A SOLIDÃO

Mirna Dietrich

Mestre PUCRS

Ironia, paixão, amor, humor, solidão são sentimentos universais que permitem ao homem exteriorizar o seu Eu. Revelar um pouco do Ser oculto que nem sempre está ao alcance do desvelar-se. Drummond penetra em sua interioridade e despoja-se do seu Eu. Revela sua inquietude através de uma ironia sutil e um humor satírico – sua autodefesa. Possui uma consciência perspicaz de si mesmo e do outro. Este encontro do poeta com seu próprio Ser, por meio da poesia, permite o desvelar da sua própria razão de ser. É a poesia que lhe possibilita romper e expressar – com palavras – sua solidão interior. A solidão do outro. Sua visão do mundo e do outro nasce do próprio interior.

No encontro com o outro a busca de si. Busca incansável refletindo o mundo e nele deixando-se refletir. No ato de poemar o Eu-Outro, Drummond retrata a solidão e rompe o isolamento individual de homem-poeta fazendo sua projeção interna existencial. A partir de seu mundo apreende o sentido de ser do outro. Abre-se frente às experiências de tempo e espaço.

Ao dissecar o homem e sua solidão – mistura de apatia que se resigna e de corrida frenética em seu viver – Drummond reflete sobre a experiência existencial do homem. Através da sua poesia, procura mostrar que a experiência existencial do ser o acompanha sempre e, quanto maior o conhecimento que o homem tiver sobre ela, maior será o seu sentido de existência (vida) e conhecimento do seu Ser.

O poeta procura em sua relação homem versus cosmos o seu sentido e do outro, pois por sua condição o homem é uma permanência aberta ao outro e não um solitário. Tem seu universo pessoal, seu cosmos interior, mas deve procurar ultrapassar este uni-

verso buscando no outro o enriquecimento do seu Ser no sentido de ser. Porque jamais esgotará o seu Ser e o Ser do outro pois o Ser sempre tem algo a ser revelado em sua infinitude.

Através dos poemas vai expressando o "sentimento do mundo" — complexo mundo — vagando pelo "brejo das almas" mostrando a solidão interior do homem. Vai desfolhando — em poesia — a solidão, as inquietações, as angústias do homem. Problemas estes gerados pela forte pressão da sociedade sobre o indivíduo e que ocasionam o exercício da solidão. Exercício que passa pela falta de tempo, pelos descaminhos do ser humano esquivando-se em envolver-se com os outros.

Preocupa-se com este homem que vivencia um grande vazio, uma mesma solidão, uma mesma esperança de encontro. Porque limitado — mutilado em seu desejo de ultrapassar seu universo pessoal no contato com o outro — o homem tem o sentimento extremo e crônico da solidão. Sorve o amargo preço de ter de assumir a imagem que o mundo quer dele: a solidão interior.

O poeta em seus poemas procura mostrar como a solidão atinge o homem. Homem que nasce para o encontro e ao mesmo tempo está condenado à solidão. No entanto, quando vivida consciente para o ato criador, a solidão é uma renovação que leva a uma superação do ser.

Certas palavras sintomáticas — relacionadas com o campo semântico da solidão — merecem, por parte de Drummond, uma particular ênfase. Para isso recorre o poeta às palavras: só, sozinho, silêncio, ilha, isolado, solidão, deserto, ermo. Com este campo semântico os elementos da solidão estão presentes no homem que é jogado na experiência da existência.

"UM EU TODO RETORCIDO" E A BUSCA DO OUTRO

Na *Antologia poética*, Drummond dá à primeira seção o título de "Um eu todo retorcido". São poemas de análise da personalidade do indivíduo e uma visão de si como homem e como poeta. O seu poema de abertura é "Poema de sete faces" (p.3-4). Nele diz:

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

A respeito do "anjo torto". Affonso Romano de Sant'Anna (1972, p.52-3) diz que: "aquele 'anjo torto', sob cujas ordens o poeta é lançado no mundo adverso, imprime sua imagem em seu espírito. O vocábulo torto vai aparecer algumas vezes significando as desarmonias entre o gauche e o mundo". Com referência a gauche, salienta o citado autor (1972, p.43) que 'gauche é a palavra em que se cristalizou a essência da personalidade estética do poeta', significando "basicamente o indivíduo desajustado, marginalizado à esquerda dos acontecimentos. (...) Caracteriza o gauche o contínuo desajustamento entre sua realidade e a realidade exterior".

Note-se que, nesse poema, o poeta diz: "O bonde passa cheio de pernas: /pernas brancas pretas amarelas./Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração./ Porém meus olhos/ não perguntam nada". Na medida em que o coração pergunta os olhos do gauche não perguntam nada a respeito do que se passa diante de si. É um interesse desarticulado do "EU-todo-retorcido" diante do mundo que o cerca. Tem-se um indivíduo conflituado pela realidade ao seu redor. Drummond manifesta a sua solidão, pois, à sua volta, a realidade que o cerca não lhe diz nada. Percebe-se uma contradição, pois o "bonde passa cheio de pernas", e, ao mesmo tempo, ele está sozinho. Vê os outros alheios e longe dele. É uma solidão que se nutre da multidão. E essa solidão que se nutre da multidão, para não estar só, é muito maior. Ela determina a incomunicabilidade. As pessoas têm um comportamento solitário onde o outro e a comunidade viram uma massa anônima. É o isolamento do homem que está cercado de gente por todos os lados e por isso mesmo cercado de solidão por todos os lados.

Dessa não convivência há um grito de angústia, de solidão devido à rotina de um cotidiano automatizado. Essa rotina solitária lança-o a fazer um comovido apelo parodiando as palavras ditas por Cristo em sua solidão maior na cruz:

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus,
se sabias que eu era fraco.

Grito decorrente da conscientização da sua própria fraqueza. Da sua condição humana que não se integra a uma realidade rotin-

neira. Em decorrência disso: sua solidão espiritual. Onde num "mundo mundo vasto mundo" suas ansiedades não conseguem preencher esse sentimento que carrega dentro de si. O Eu poético tem a percepção dos problemas que rodeiam o homem e o mundo e procura comunicar essa visão um tanto amarga. Pois seu "coração é mais vasto que o mundo". É tão vasto o seu coração que o mundo não pode enchê-lo. Tem-se por meio do encadeamento das sete estrofes, independentes umas das outras, a revelação do homem-poeta. Sua maneira de ser, os seus sentimentos e sua visão de mundo.

No "Soneto da perda esperança" (p.4-5), Drummond se manifesta dizendo: "Perdi o bonde e a esperança./ Volto pálido para casa./ A rua é inútil e nenhum auto/ passaria sobre meu corpo". Colocando o "o bonde e a esperança" no mesmo nível, no momento em que o poeta perde a "esperança" a rua se torna inútil e o corpo dele também. A perda da esperança, a rua inútil e o corpo se colocam no mesmo plano de solidão. E o próprio "pálido" confirma isso dando palidez à vida e a casa, então, estas também não tem sentido.

A perda da esperança, a solidão se configuram em: "vou subir a ladeira lenta". Sendo que esse "lenta" se refere tanto à ladeira pelo fato dela ser íngreme quanto ao próprio modo como o poeta sente a vida. Uma vida que se torna vazia e se projeta em direção ao eterno: "Nós gritamos: sim! ao eterno". Na subida da ladeira, o poeta vislumbra vários caminhos. Caminhos que são os reais da rua, mas que também são os interiores do Eu poético. Por isso "os caminhos se fundem". É nos caminhos interiores que se pode perceber o aprofundamento da solidão que leva ao questionamento da própria existência. "Todos eles conduzem ao/ princípio do drama e da flora". Flora que tem a conotação de uma vida vegetativa, letárgica no plano existencial. Nesse questionamento surge a dúvida: "Não sei se estou sofrendo/ ou se é alguém que se diverte".

Dúvida esta aliada ao questionamento: "por que não?". Na dúvida surge um paradoxo em que o Eu poético não sabe se está sofrendo ou se divertindo "com um insolúvel flautim". Esse "eu" que sofre e o "eu" que se diverte e que constituem a contradição existencial do poeta fundem-se em um "eu" plural: "nós grita-

mos". E nesse grito se configura o que de há muito já é sabido: a aceitação do eterno (da morte) e a solução do conflito.

Valendo-se do seu fazer poético Drummond fala sobre o mundo que o cerca. Em "Poema patético" (p.5), nota-se a inquietude do poeta invadido pela solidão do desamor das pessoas:

Que barulho é esse na escada?
É o amor que está acabando,
é o homem que fechou a porta
e se enforcou na cortina.

Essa inquietude está expressa por meio das constantes repetições e indagações do primeiro verso de cada estrofe do poema. A repetição é para dar maior ênfase à sua realidade interior, cheia de indagações sobre o homem e o seu estar-no-mundo. Sente-se a necessidade da comunicação dos sentimentos para com o outro, a fim de que a vida não se torne estéril com o acabar do amor e o homem feche as portas do seu ser. Porque retraindo-se, cerrando sua comunicação com o outro e fechando-se em si mesmo não possibilita uma sucessão de encontros que permitem o relacionamento entre os indivíduos. Em consequência a solidão que leva muitos ao suicídio. Por isso novamente a indagação: "Que barulho é esse na escada? É Guiomar que tapou os olhos". No "fechou a porta" e "tapou os olhos" o poeta insiste no silêncio do relacionamento com o outro, a insuficiência da comunicação entre as pessoas. Essa é a realidade com que se depara Drummond e por isso comunica sua experiência solitária.

Constata-se, a cada nova interrogação, a necessidade que o Eu poético tem da ruptura do silêncio egotístico que gera a solidão. Drummond, com sua sensibilidade, traduz, por meio de imagens poéticas, a solidão humana na busca da solidariedade individual ou coletiva quando repete: "Que barulho é esse na escada? É a torneira pingando água,/ é o lamento imperceptível/ de alguém que perdeu no jogo/ enquanto a banda de música vai baixando, baixando de tom".

"Lamento imperceptível" que quase não é ouvido porque o som em volta é mais alto. É a insuficiência da palavra que, o ruído da cidade e o desinteresse do outro, não permite a sua comunicação dando, assim, ao homem a consciência do vazio que o cerca.

Mundo onde os valores são mais materiais do que espirituais pois não se ouve mais o amor. Não se ouve mais o próximo porque a sua voz não possui mais a ressonância que permite escutá-la acima da "banda de música". Sua preocupação é tanta que, em seu último verso, ele intensifica sua interrogação dando um realce sensorial e emocional ao dizer: "Que barulho é esse na escada?/ É a virgem com um trombone,/ a criança com um tambor,/ o bispo com uma campainha/ e alguém abafando o rumor/ que salta de meu coração".

Estão todas as pessoas tão massificadas que não há a possibilidade do encontro com o outro. Mas, apesar de tudo, o poeta luta contra as limitações humanas exteriorizando os seus sentimentos através de um material poético profundamente humano. Por meio do matiz que dá a eles, transparece a sensibilidade da sua visão de mundo e da vida.

Através dos instrumentos musicais que fazem ruído, Drummond mostra o esvaziamento das relações que vão se deteriorando na falta de comunicabilidade o que ocasiona uma solidão maior. Dá um destaque especial na repetição da palavra "escada" e em "barulho". É como se o barulho na escada fosse o único som que possibilitasse quebrar o silêncio e a sua solidão interior.

Em relação à "escada" tantas vezes repetida neste poema. Drummond também a utilizou em "O sono". Ao referir-se à poesia "O sono", Emanuel de Moraes (1972, p.8) comenta que

... muitos anos depois, ao formular o momentâneo isolamento de um dos seus netinhos, Drummond usaria de uma imagem com as características dos fenômenos de reintegração, partindo do antigo sentimento infantil de isolamento; "a escada" marca a separação de dois mundos: o mundo propriamente dito e a solidão. É longo, e cada degrau que se sobe representa um passo para o exílio.

Tem-se em "A bruxa" (p.8-10) uma necessidade premente de comunicação com o outro. Pois: "Nesta cidade do Rio,/ de dois milhões de habitantes,/ estou sozinho no quarto/ estou sozinho na América".

Salienta Affonso Romano de Sant'Anna (1972, p.47-8) que "no quarto ele se recolhe, em meio ao pandemônio e à solidão da cidade grande. Espaço e personagem se reduzem ainda mais quando contrastados com o mundo lá fora". A solidão em lugares su-

perpovoados é muito maior. No espaço da cidade grande o homem-poeta perde a sua identidade. Perde a sua origem. Então se questiona:

Estarei mesmo sozinho?
Ainda há pouco um ruído
anunciou vida ao meu lado.
Certo não é vida humana,
mas é vida. E sinto a bruxa
presa na zona da luz.

De dois milhões de habitantes!
E nem precisava tanto...
Precisava de um amigo.

Há um sentimento de solidão, de isolamento entre as pessoas na grande cidade. Entre a massa humana o que o poeta necessita é apenas de "um amigo". Porque ao sair de sua terra — Itabira na Minas Gerais — para a grande metrópole do Rio não encontra a imagem de uma comunidade interiorana e sim uma sociedade onde a indiferença, ao ser, vai deixando-o numa solidão física. Solidão esta que, através da poesia, o poeta procura minimizar.

Esta solidão é tão grande pois "estou só, não tenho amigo e a essa hora tardia, como procurar amigo?". Como preencher esta ansiedade que sente? é na mulher que ele procura o ser que venha preencher o seu aniquilamento diante do vazio da falta de um amigo na solidão da cidade que o consome:

Precisava de mulher
que entrasse nesse minuto,
recebesse este carinho,
salvasse do aniquilamento
um minuto e um carinho loucos
que tenho para oferecer.

"A bruxa" mostra a solidão do homem em vários aspectos. Tem como refúgio uma pequena habitação: seu quarto. Como companhia um inseto: a bruxa. Sem amigos, sem mulher. Serve mesmo qualquer uma — como é indicado pela falta do artigo antes de "mulher" — desde que lhe faça companhia. A cidade do Rio é tão estranha e solitária para ele quanto o é a América em seu todo, pois está fora de Itabira do Mato Dentro. Mora no Rio e vive um

dia-a-dia sempre igual e solitário. Vive um presente em que sua única certeza consiste em seu autodiálogo poético.

Sente-se radicalmente só. Está ilhado em sua comunicação com o outro, pois o seu Eu é uma ilha. E, o poeta, por meio de seus versos, reflexiona:

Mas se tento comunicar-me,
o que há é apenas a noite
e uma espantosa solidão.

Joaquim-Francisco Coelho (1975, p.26) referindo-se "A bruxa" assevera que este "é o estado de solidão do homem contemporâneo, em particular o do habitante dos centros urbanos, perdido na multidão ou fechado entre quatro paredes". Ressalta que "esta 'espantosa solidão', aqui enfatizada em sua dimensão moral, não deixa de relacionar-se, porém, ao isolamento físico da criatura, que um novo tipo de residência — o edifício de apartamento — constitui para agravar mais".

Por isso o grito do poeta em seu isolamento físico: "Companheiros, escutai-me!". Porque o que quer "romper a noite/ não é simplesmente a bruxa". O que quer romper a solidão: "é antes a confidência/ exalando-se de um homem".

Esta reflexão, sobre a sua condição, é a manifestação de um sentimento frustrante: o fenômeno da solidão humana. Solidário, o poeta vê o seu problema refletido no outro. Sabe que seu drama de solidão é comum a todo ser humano. Descobre o "sentimento do mundo" em "José" (p.10-12):

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?

Novamente as indagações e as repetições. Mas as perguntas não têm respostas porque a repetição nada mais é do que um falar a sós. Gilberto Mendonça Teles (1970, p.27-8) salienta "que a repetição ocupa uma faixa de frequência bastante representativa,

aparecendo lançada em todas as direções", pois o poeta explora "as mínimas sugestões de fonemas e sílabas e, também, atuando em profundidade, de dentro para fora, de maneira a iluminar a área das imagens no poema, envolvendo-as num halo de magnetismo emocional ou intelectual".

No poema "José" sente-se que a força dos problemas que José enfrenta é tão intensa que a cada nova indagação e repetição o poema cresce através do sistema simbólico das imagens. Para mostrar a negação de tudo que cerca José, Drummond utiliza-se de verbos e expressões que exprimem a negação que suprime o ser: "acabou, apagou, sumiu, esfriou, sem nome, está sem, já não pode, não veio, tudo fugiu, tudo mofou, não existe, secou, não há mais, não morre".

Para Drummond, José é o seu semelhante, sensível aos problemas insolúveis que o cercam. Encontra-se despojado de tudo, desiludido, solitário. Está sem raízes, sem sonhos e sem possibilidade de fugir do destino pois está encurralado pela vida. Está vazio, sem nada pois:

Está sem mulher,
está sem discursos,
está sem carinho.

Apesar de estar violentado pelas circunstâncias em que vive "você é duro, José!". "José" é a representação do homem de todos os dias, joquete do destino cruel. Homem anônimo que sente os problemas sem nada poder fazer para solucioná-los. Figura pálida na estrutura social para quem "o riso não veio" é uma figura a mais no cadastro da vida. Com uma trajetória sem perspectivas jamais deixará de ser uma figura plana pois não conseguirá descrever curvas no caminho traçado.

Conforme o já citado Affonso Romano de Sant'Anna (1972, p.17), José é um heterônimo do poeta Drummond, pois ele caracteriza na "estrutura dramática" da sua obra "um personagem (o poeta gauche) disfarçado em heterônimos, (José, Carlos, K., Robinson Crusoe, etc.), descrevendo uma ação no tempo e espaço concebidos como um continuum". Observa Sant'Anna que o poeta, ao se disfarçar nesses "egos auxiliares dentro da própria cena", busca "conhecer os múltiplos aspectos de seu Ser, mas ao

se disfarçar em vários atores, não deixa nunca de ser espectador e crítico de seu próprio drama existencial”.

“José” continua pertinaz na busca de uma solução para o seu viver que é tão cheio de isolamento, de silêncio e de solidão porque “Com a chave na mão/ quer abrir a porta,/ não existe porta”. José está emparedado entre as paredes que a vida lhe permitiu construir. A porta esfuma-se na distância e está sem perspectiva de abertura no tempo e sem direção para seguir. Esbarra de encontro a impecilhos: “quer ir para Minas,/ Minas não há mais”. E agora, José, qual a perspectiva a encontrar? Se estás “Sozinho no escuro/ qual bicho-do-mato,/ sem teogonia”, uma vez que “a luz apagou”.

Gilberto M. Teles (1970, p.18) assevera que existe uma identidade entre os poemas: “Os ombros suportam o mundo” e “José”. No primeiro, prevalece “o mundo sobre o homem e, no segundo, o homem sobre o mundo que apenas se revela nas coisas imediatas”. Conforme o citado autor, “as mesmas idéias, às vezes analogamente expressas, se distribuem por todo o poema. (...) Tal semelhança nas idéias e na técnica do diálogo, que é afinal um monólogo interior, nos faz pensar num mesmo material poético, elaborado em dois tempos distintos”.

A poesia de Drummond é um aprofundar-se fazendo o ser humano seu objetivo: o homem desconstruído de si e de seus semelhantes. Reflete seu modo de ser e sentir.

A inquietude com o eu, na expressão de Antonio Cândido (1977, p.100-1), chega “à auto-negação pelo sentimento de culpa, indo ao limite da negação do ser pela auto-mutilação”. Em “A mão suja” (p.12-4) o poeta manifesta na mutilação da mão a auto-negação, como se ao “cortá-la, fazê-la em pedaços e jogá-la ao mar” se libertasse de um sentimento de culpa. No cortar a mão, nega o Ser pois ela é o seu instrumento de trabalho. É com ela que escreve e manifesta o gesto de solidariedade ao próximo “num desses momentos/ em que dois se confessam/ sem dizer palavra...”. Ao mutilar a mão, quer decepar parte do eu insatisfeito do “eu-todo-retorcido” como se depois de amputá-la, o ser do poeta-torto (gauche) — está limpo para o outro. Despojado da culpa subjetiva com o sacrifício imposto ao ser — “a mão está suja./ Preciso cortá-la” — condiciona a redenção do ser a esta dolorosa amputação. Com isso pretende torná-la “uma simples mão branca,/ mão limpa

de homem” pronta para a fraternidade, para a solidariedade das relações humanas.

E aquela angústia sentida por ter que ocultar a mão suja, deixá-la sempre escondida é superada. Porque “na angústia não acontece nenhuma destruição de todo o ente em si mesmo mas tampouco realizamos nós uma negação do ente em sua totalidade” (Heidegger, 1979, p.40). Mesmo na escuridão da angústia há uma abertura do Ser para o ente. O Ser se torna mais claro e transparente. Ao se desvelar atinge a essência do homem preenchendo o vazio e a amplidão da negação em que ele se encontra. Por isso Drummond deixa vislumbrar:

Com o tempo, a esperança
e seus maquinismos,
outra mão virá
pura — transparente —
colar-se a meu braço.

A mão “transparente” e “pura” que o poeta quer, servirá para o gesto em direção ao outro sem mistificações pois está depurada. A nova mão que virá “colar-se a meu braço” reabre a esperança para um novo amanhã apesar dos maquinismos em que a sociedade vive. Contudo, ao situar-se em seu contexto social, vê o indivíduo alienado, desumanizado pelo espaço que o cerca. A idéia do materialismo que deforma as pessoas, o poeta dá em “A flor e a náusea” (p.14-5).

Drummond constata melancolicamente o seu exílio individual quando diz: “em vão me tento explicar, os muros são surdos”. Na verdade, ele quer conscientizar como a comunicação é limitada quando as pessoas são surdas como o muro. Embora queira comunicar-se, a resposta é “em vão” pois não vem pelo silêncio e indiferença dos que não o escutam. No poeta há uma apreensão com a problemática da comunicação entre os indivíduos que “voltam para casa./ Estão menos livres mas levam jornais/ e soletram o mundo, sabendo que o perdem”. A vida moderna reduz o homem a um ser sem tempo para o outro.

Preocupa-se com as multidões alienadas e solitárias. Por isso, em sua busca em dar sentido à vida do homem, procura modificar o coisificado comportamento humano. Numa tentativa em modificar os sentimentos materialista e consumista do homem, onde mer-

cadorias e melancolia tem o mesmo peso e valor — “melancolias, mercadorias espreitam-me” — na estrutura sócio-econômica em que vive, faz nascer do asfalto uma flor. Porque “tristes são as coisas, consideradas sem ênfase”.

Uma flor nasceu na rua
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
Ilude a polícia, rompe o asfalto.

Em “A flor e a náusea”, “o insólito de uma flor no asfalto”, com “notável descarga emotiva, nos põe diante do homem que deseja ser solidário, que quer auxiliar a re/construção do mundo, um homem que tem quarenta anos e ‘nenhum problema/resolvido, sequer colocado’ e que se vê incompreendido” (Mendonça Teles, 1970, p.21).

Ao se situar no contexto social do cotidiano urbano, Drummond dá a sua mensagem para o coletivo dos homens que vivem um isolamento pessoal entre outros que não lhe dizem nada. Todos incomunicáveis na multidão solitária. No seu recado, o poeta mostra que — para o nascimento de um mundo novo onde as relações humanas superam obstáculos intransponíveis que são impediços para sua total expansão — é possível fazer brotar uma flor na impermeabilidade do asfalto:

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

A flor drummondiana nutre-se da impossível integração na comunidade e no cosmos e germina da oposição a tédio, nojo e ódio. Serve, assim, para modificar comportamentos e sentimentos do homem. Porque “o profundo tédio que, como névoa silenciosa desliza para cá e para lá nos abismos da existência, nivela todas as coisas, os homens e a gente mesmo com elas numa estranha indiferença. Este tédio manifesta o ente em sua totalidade” (Heidegger, 1979, p.38). O tédio faz parte do ser pois ele é finito. O tédio surge do grande vazio quando nada mais interessa. Porém, cabe ao homem dar um sentido à vida e ver o mundo com outra perspectiva. Porque enquanto criativo ele é livre e infinito, mas enquanto só ação é limitado e finito.

Em “Consolo na praia” (p.16-7) tem-se o ser humano solitário, encarando o embate na vida com um humor estóico para poder suportar a solidão, uma vez que: “A infância está perdida./ A mocidade está perdida./ Mas a vida não se perdeu”.

O homem ao voltar-se, para si, faz uma retrospectiva e sente que: “O primeiro amor passou./ O segundo amor passou./ O terceiro amor passou./ Mas o coração continua”.

Além de sentir a inquietação da sua finitude, o homem tem a noção que é o produto das circunstâncias que o envolvem. Sente a sua limitação humana, sente a insuficiência do seu eu. Essa incapacidade se define mais ainda pelas palavras do poeta:

Perdeste o melhor amigo,
Não tentaste qualquer viagem,
Não possuis casa, navio, terra,
Mas tens um cão.

Ao analisar o poema, constata-se que depois de “Tudo somado”, a interpretação da vida é igual a uma expressão matemática. Pois, ao somar-se os perdidos, ter-se-á: (infância/mocidade) + (o primeiro amor/o segundo amor/o terceiro amor) + (o melhor amigo) + (viagem/casa/navio/terra) + (algumas palavras duras) + (a injustiça/um protesto tímido) = VIDA.

Contudo, “Tudo somado/(... Estás nu na areia, no vento...”. Por isso “devias precipitar-te — de vez — nas águas”, pois estás despojado de tudo. Sem nada, pois a areia e o vento são algo transitório, onde o homem, se por acaso tem algo, acaba por perdê-lo.

Em “Consolo na praia”, tem-se o homem reduzido a dimensão zero. O homem solitário, uma vez que não existe mais para ele nenhum dos elementos importantes à vida humana. Para ele “a vida não se perdeu”, “o coração continua”, “tem um cão” e “o humour”, entretanto “Tudo somado” chega-se ao nada. Chega-se ao zero total porque não existe mais o complemento essencial à vida que é o OUTRO. Sem ele tem-se a solidão. Porque o referente “cão” é um paliativo. O animal é uma companhia, é um auxílio na luta contra a solidão. E o “humour” nada mais é do que uma fuga para não se deixar envolver pela emocionalidade dando, assim, um distanciamento ao sentimento de solidão em que o homem vive.

"Transforma-se a praia, portanto, no local onde o homem constata tudo o que tem perdido", contudo, ao mesmo tempo é nela que procura "consolo e a compreensão de sua precariedade. Estar na praia é aceitar os riscos da vida e ter consciência do aspecto contingente da existência" (Affonso Romano de Sant'Anna, 1972, p.164).

A visão do tempo presente que o poeta contempla está marcante em "Idade madura" e "Versos à boca da noite". Sente-se nele como o poeta se re-situa perante a idade que está vivendo e sua interpretação de mundo.

Há em "Idade madura" (p.17-20) uma rebelião do poeta. Uma resistência contra o tempo por-vir. Drummond não quer calar-se. Assume a mesma posição que, outros, antes dele tomaram: "antes de mim outros poetas,/ depois de mim outros e outros/ estão cantando a morte e a prisão". Apesar da idade não quer ficar passivo:

Já não dirão que estou resignado
e perdi os melhores dias.
Dentro de mim, bem no fundo,
há reservas colossais de tempo,

Seus olhos, sua voz estão voltados para o mundo que o cerca e "ninguém me fará calar, gritarei sempre". Vai resistir apesar de sentir o desgaste do tempo ao descobrir "na pele certos sinais que aos vinte anos não via". Contudo, vai lutar junto com os que lutam. E é dessa luta que advém a sua força porque ao integrar-se, às necessidades e às ansiedades dos outros, sente-se participante e pode seguir "cada vez menos solitário". Os horizontes se alargam e sua preocupação é com o sentido da vida. A "Idade madura" encontra sua síntese na consciência desenvolvida em relação ao outro, uma abertura para o TU. Não existe mais o egoísmo pois "as lições da infância" são desaprendidas na "idade madura". Tudo é visto sob outro ângulo.

O homem conscientemente julga o que vê e faz uma seleção de seus atos e dos fatos mais significativos de sua vida em "Versos boca da noite" (p.20-2). O poeta expressa o sentimento diante da velhice que se aproxima. São as inquietudes do "eu-todo-retorcido" consciente com as alterações em seu físico e tendo sempre a expectativa de morrer um pouco mais a cada dia que passa, porque

Sinto que o tempo sobre mim abate
sua mão pesada. Rugas, dentes, calva...
Uma aceitação maior de tudo,
e o medo de novas descobertas.

Como ressalta Affonso Romano de Sant'Anna (1972, p.145), "a consciência da destruição contínua e progressiva da vida, é contraparte inevitável da consciência que o Ser tem do tempo", pois não adiantaria nada, "ou melhor, seria mesmo impossível ter o poeta descoberto que a vida é uma 'viagem', sem complementar que essa viagem é desgaste 'mortal' desde suas origens". O Eu poético ao se defrontar com sua aparência estética faz uma auto-análise da experiência vivida o que conduz o poeta a se indagar se escreverá: "sonetos de madureza" ou "zombarei do mundo?". O envelhecimento é uma aceitação forçada. A resistência que antes havia contra a idade madura, contra a velhice não é mais a de um combatente contra o tempo que flui. Pois: "Há muito suspeitei o velho em mim./ Ainda criança, já me atormentava./ Hoje estou só. Nenhum menino salta/ de minha vida para restaurá-la".

Se de criança se preocupava com o velho que morava dentro dele, agora o que o preocupa é a insatisfação com a idade porque:

Lá onde não chegou minha ironia,
entre ídolos de rosto carregado,
ficaste, explicação de minha vida,
como os objetos perdidos na rua.

Tudo contribui para a modificação do seu ser, pois "as experiências se multiplicaram: /viagens, furtos, altas solidões,/ o desespero, agora cristal frio,/ a melancolia, amada e repelida". As preocupações do poeta, vivendo a idade madura, são com as recordações. A melancolia está presente, preocupa-se com o fim da vida. E o lutador de então agora não é mais combatente pois "um homem se contempla sem amor".

Drummond julga sua bagagem onde "o tempo e a idéia do passado" têm como consequência uma meditação da idade madura e a saudade que penetra na memória do eu da infância. Não sabe "se é ou foi". "Um pedaço" de si "rompe a neblina" e vê que, na fase crepuscular, o menino que nele existia não está mais presente. Não o incentiva na busca de novas descobertas pois vê "tudo im-

possível e nítido, no espaço". Sente-se, em seu casulo, só diante de sua velhice e da morte que se aproxima. "Pode-se dizer que a poética drummondiana essencialmente se resume na verbalização dos instintos da vida e morte, numa luta entre Eros e Tanatos, numa empresa de se afirmar pelos contrários, de se salvar dentro da decomposição geral" (Affonso Romano de Sant'Anna, 1972, p.145).

Esta opressão que sente ao defrontar-se com o inevitável, que vai dando os sinais na existência de cada dia, está presente em "Indicações" (p.22-5). Os indícios do "desejo de voltar mais cedo para casa" e haver "uma sensibilidade maior ao frio" lhe dão a consciência da deterioração contínua e progressiva da temporalidade do ser, da transitoriedade da vida. Com o avançar da idade vê "a estrada voltando". No sentimento de não ser eterno sente "Minas que espreita,/ e espera, longamente espera tua volta sem sair". Através do fluxo psíquico sente que "enfim os libertados segredos/ sobre a terra metálica se espalham, se amortalam e/ calam-se". Onde

A família é pois uma arrumação de móveis, soma de linhas, volumes, superfícies. E são portas, chaves, pratos, camas, embrulhos esquecidos, também um corredor e o espaço entre o armário e a parede onde se deposita certa porção de silêncio, traças e poeira que de longe em longe se remove... e insiste.

Tem-se a presença da vida passada no refluir da memória, na instrução de um novo tempo e espaço no qual "pessoas deitam-se, como transportadas, desaparecem". "Indicações" é a noção de um momento em que se interpenetram passado e presente. E desse momento para a consciência melancólica da finitude do tempo para o Ser. O poeta Drummond dá mais "indicações" metafísicas da solidão em que se encontra do que o literal sentido da palavra solidão em si: "as vozes ouvidas na casa" estão "em alguma parte" e elas "existem hoje em subterrâneos, umas na memória,/ outras na argila do sono".

Observa-se, em "Os últimos dias" (p.25-9), o Eu poético a preocupar-se com o inevitável decurso do tempo que o aproxima do fim. Momento em "que a terra há de comer./ Mas não como já". Porque antes deste tempo chegar precisa "o tempo de conhe-

cer mais algumas pessoas/ de aprender como vivem, de ajudá-las" pois crê na possibilidade de ainda participar das angústias e das ansiedades do outro. Porque: "... cada instante é diferente, e cada/ homem é diferente, e somos todos iguais./ No mesmo ventre o escuro inicial, na mesma terra/ o silêncio global, mas não seja logo".

De qualquer forma, embora cada instante e cada homem sejam diferentes, há sempre um denominador comum para todos: o gerar da vida e o tornar-se pó no silêncio escuro da terra. Em ambos instantes há um fluxo de claro-escuro. O escuro inicial do ventre tornar-se-á luz com o nascimento, e a escuridão da morte — em que a vida viaja entre a sombra e a luz — será resplendor na eternidade. Porém, o poeta ainda não quer o confronto definitivo com Tanatos. Almeja:

Antes dele outros silêncios penetrem,
outras solidões derrubem ou acalentem
meu peito;.....

Os versos vão desdobrando sua vontade de ainda viver mais tempo para poder conviver com o outro. Por isso, diz o poeta: "e a tristeza de deixar os irmãos me faça desejar/ partida menos imediata". O desejo de viver solidário o re-situa no mundo e no tempo e o faz sentir que ainda tem muito a desempenhar para ajudar o outro. O poeta em sua angústia nesta resistência contra o decurso do tempo sente que "uma parte de mim sofre, outra pede amor,/ outro viaja, outra discute, uma última trabalha,/ sou todas as comunicações, como posso ser triste?". É como se os elementos da vida — sofrimento, amor, viagens, discussão, trabalho — pudessem preencher a angústia da tristeza vivida pelo Ser. Sendo eles "todas as comunicações" do poeta, não o isolam e são uma resposta de vida para atenuar essa tristeza diante da morte que o atormenta.

Contudo sabe de sua finitude por isso pede que "a tristeza não me liquide" e que ela "lute lealmente com sua presa/ .../ ao fim da batalha perdida". O sentimento da morte representa o estar só diante de si, metafisicamente, a qualquer momento. Espera:

... que a hora esperada não seja vil, manchada de medo
submissão ou cálculo ...

mas não a quero negando as outras horas nem as palavras
ditas antes com voz firme, os pensamentos
maduramente pensados, os atos
que atrás de si deixaram situações.

Como a morte é uma certeza intransferível, sabe que não adianta rebelar-se. Deve antes resignar-se e aceitar tranqüilamente o instante em que "a matéria se veja acabar: adeus composição/ que um dia se chamou Carlos Drummond de Andrade".

"Os últimos dias" segundo salienta Affonso Romano de Sant'Anna (1972, p.146-7) "é uma peça rica de informações sobre o verdadeiro jogo de xadrez — para usar imagem clássica — que o indivíduo trava com sua morte. Cada pedra que perde é um dado a mais na sua autodestruição". Porque, como assevera Sant'Anna, o homem "empenha-se numa tarefa limitada e inglória desde o princípio, que, ao mesmo tempo, é sua única chance. Não podendo evitar o defecho pode, pelo menos, retardá-lo o mais possível em benefício de sua angústia íntima".

Na abertura de "A música barata" (p.30), o poeta se refere a: "Paloma, Violetera, Feuilles Mortes./ Saudades do Matão e de quem mais?". Músicas que ressoam, de quando em vez, através do tempo. As faixas musicais são consideradas "barata" (popular) em relação à música erudita de "Handel". Como não têm "mensagem", ressoam e se perdem. Por isso "a música barata" apenas "visita" o poeta e o conduz "para um pobre nirvana à minha imagem".

Essas músicas, "valsas e canções" estão "engavetadas/ num armário que vibra de guardá-las" porque ligadas ao passado reativam lembranças. Esse "velho armário", na verdade, é o poeta Drummond, que guarda a mesma oposição — que havia entre a música popular e a erudita — na medida em que não se sabe se o "velho armário" que ele é, é de: "cedro, pinho, ou ...?" Mas "(o marceneiro" é o Criador que não tinha dúvidas, ao criá-lo, quanto ao sofrimento do poeta. Assim como ele próprio sabe disso, embora não tenha certeza quanto à sua natureza: "cedro, pinho, ou ...?".

Drummond é bem enfático ao dizer: "não quero Händel para meu amigo/ nem ouço a matinada dos arcanjos". Para ele basta o som que vem da rua. Ela é lugar de trânsito, espaço integrador entre o poeta e a multidão. É a rua, portanto, o local que serve para a motivação do Eu poético se manifestar. Porque é ela — devido ao

seu movimento — que leva o poeta a se comunicar com o outro. E nessa comunicação tanto revela sua solidão quanto a preenche pois o Ser tanto se desvela quanto se oculta em sua linguagem.

O transcurso do tempo vai encurtando a viagem do caminhante Drummond que, já se sente ameaçado pelo por-*vir*. "O tempo, afirmando-se através daquilo que se mostra fisicamente, só se manifesta quando destrói algo. Seus vestígios são os vestígios do abatimento periódico das criaturas" (Affonso Romano de Sant'Anna, 1972, p.182). Como decorrência disso, em "Estrambote melancólico" (p.30-1) o homem lamenta:

Tenho saudade de mim mesmo, saudade sob a aparência do remorso,
de tanto que não fui, a sós, a esmo e de minha alta ausência em meu
redor. Tenho horror, tenho pena de mim mesmo.

É o desnudamento do homem, de sua interioridade. Desnudamento decorrente de uma solidão angustiante por não ter mais dentro de si o menino. De sentir o tempo passar e de sua finitude perante si e o outro. Affonso Romano de Sant'Anna (1972, p.151) enfatiza que "o indivíduo que está contemplando as derrotas que o tempo inflige ao seu corpo, está operando antes uma observação fenomenológica onde corpo-consciência são um conjunto indissolúvel". Não se esgotando, neste sentido, seu pensamento "em análises psicológicas, mas se estrutura metafisicamente". Por isso, o poeta diz em "Nudez" (p.32):

Ô descobrimento retardado
pela força de ver.
Ô encontro de mim, no meu silêncio,
configurado, repleto, numa casta
expressão de temor que se despede.

O "descobrimneto retardado/ pela força de ver" faz Drummond conscientizar-se que o seu universo individual está em desaparecimento e por isso não cantará "amores" nem cantará "o riso" porque sua "matéria é o nada". Ele deixa transparecer "essa nudez, enfim, além dos corpos, a modelar campina no vazio/ da alma, que é apenas alma, e se dissolve". É a angústia da sua finitude que manifesta o vazio, o nada. Porque:

Um dos lugares fundamentais em que reina a indigência da linguagem é a angústia, no sentido do espanto, no qual o abismo do nada dispõe o homem. O nada, enquanto o outro do ente, é o véu do ser. No ser já todo o destino do ente chegou originariamente à sua plenitude. (Heidegger, 1979, p.51)

O nada é o ocultar do Ser. Ao fugir para o nada o homem não transcende. O impedimento da superação do nada torna o homem só e angustiado.

"O enterrado vivo" (p.33) é a presença do vazio de tudo, onde "sempre no meu amor a noite rompe./ Sempre dentro de mim meu inimigo./ E sempre no meu sempre a mesma ausência". Na própria vida o Eu poético se encontra num nível tão grande de solidão que se sente como "enterrado vivo" porque sempre dentro dele está presente seu inimigo: Tanatos. "A morte vai amadurecendo com o tempo, vai se tornando cada vez mais sua na medida em que ele cumpre seu roteiro de vida se encontra diante da aporia definitiva". Porém, "a aceitação dessa aporia transforma-se na saída, e a integração progressiva com sua morte revela que está também integrando sua vida". Porque "só aquele que faz o transcurso da vida sem vacilações, sem vacilações caminha para a morte, pois a recusa da morte é a recusa ao crescimento e à vida" (Affonso Romano de Sant'Anna, 1972, p.191).

Em "Um eu todo retorcido" o poeta começa a possuir sua existência, sua contingência limitada. Das vivências originadas, do encontro da interioridade com o mundo dos objetos e dos valores, há a integração do EU-HOMEM-POETA. É o transcender do homem, pois é o auto-encontro do Eu que possibilita a evolução espiritual humana. É o encontro do ente com o Ser. Pois ao superar o nada, o homem tira o véu em que o Ser está encoberto e o desvela. É no silêncio interior que há a procura de descobrir-se, de encontrar-se. Tem-se a trajetória humana na busca do Ser. Por isso Drummond, em seu "eu-todo-retorcido" procura escutar a linguagem do Ser para adaptar a sua essência. Porque todo falar surge de um penetrar no Ser.

"Um eu todo retorcido" é a representatividade do homem Drummond perante a solidão. Solidão esta proveniente de um tempo pretérito — de uma época longínqua — sua infância. Deste período, advém as raízes mais profundas de sua solidão — traço que será a constante em sua vida poética.

CONCLUSÃO

Observa-se que há, na poesia drummondiana, uma contínua e insistente indagação sobre a vida e o estar-nela do ser humano. O homem só, em busca de si e do outro, perquire sobre o estar-no-mundo. Nos versos de Drummond subjazem as inquietações com o homem que, em seu hermetismo, não rompe o isolamento que o cerca e, por isso, fica cada vez mais só.

Esta indagação de Drummond, da interioridade do ser, é como uma busca que preencha e dê uma solução para a solidão do ser humano. É uma busca de lacunas não preenchidas de sua solidão. E ela inspira seu modo de imaginar e compor sua arte poética.

Nesse conflito Eu-mundo, o "Eu todo retorcido" é a representatividade do homem Drummond em busca, no meio da multidão que o cerca, da solidariedade e do amor. É a busca de tudo que vem preencher as lacunas de uma solidão existente em seu interior. Esta busca é como uma necessidade pois é a complementação do Eu todo retorcido.

A poesia drummondiana é caracterizada por um estilo que possui uma força poético-filosófica no que pretende dizer. Por meio dela vai aprofundando a sua capacidade de expressar o seu pensar e poetar sobre o homem e seu Ser, pois são eles um poema a começar. Os poemas de Drummond são uma válvula de escape para o poeta que — um *gauche* na vida — tem em sua obra de arte uma forma de exteriorizar o que viu no "vasto mundo" ao seu redor: solidão. Solidão que lhe permite — usando o tempo e o silêncio — ouvir a voz do Ser. Solidão que desaparece no processo artístico da criação do seu Ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 12.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
- 2 — CÂNDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 2.ed. São Paulo, Duas Cidades, 1977.
- 3 — COELHO, Joaquim Francisco. *Minerações. Ensaio de crítica e vida literária*. Pará, Imprensa Universitária/Universidade Federal do Pará, 1975.

- 4 - HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo, Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)
- 5 - MORAES, Emanuel de. Drummond rima Itabira mundo. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972. (Documentos Brasileiros) v. 157.
- 6 - SANT'ANNA, Afonso Romano de. Drummond, o "gauche" no tempo. Rio de Janeiro, Lia, INL, 1972.
- 7 - TELES, Gilberto Mendonça. Drummond, A estilística da repetição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970. (Documentos Brasileiros) v. 148.